

ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO [EM DETRIMENTO DE] À LUZ DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO: EXPANSÃO SEMÂNTICO-SINTÁTICA COM NOÇÃO SUBSTITUTIVA

Thais Estolano¹

RESUMO: O presente artigo tem o objetivo de analisar a construção “em detrimento de” no português brasileiro contemporâneo, com vistas a perceber sua expansão semântico-sintática com noção substitutiva. Para isso, nos embasamos na Linguística Funcional Centrada no Uso, a qual analisa a língua como rede de construções moldada pelo discurso dos falantes (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016; FURTADO DA CUNHA; LACERDA, 2017). A metodologia utilizada foi com base qualitativa, a partir de dados do *site Corpus do Português NOW*. Nossos resultados mostraram que há uma expansão semântico-sintática com valor de substituição da construção em análise no português em uso no Brasil, ocorrendo, ainda, perda de composicionalidade.

Palavras-chave: Conectores; Expansão semântico-sintática; Linguística Funcional Centrada no Uso.

ANALYSIS OF THE CONSTRUCTION [EM DETRIMENTO DE] IN THE LIGHT OF USAGE-BASED LINGUISTICS: SEMANTIC-SYNTACTIC EXPANSION WITH SUBSTITUTIVE NOTION

ABSTRACT: The present work aims to analyze the construction “em detrimento de” in contemporary Brazilian Portuguese, so as to understand its semantic-syntactic expansion with a substitutive notion. In order to achieve this goal, this work is based on Usage-Based Linguistics, which analyzes language as a net of constructions shaped by speakers’ discourse (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016; FURTADO DA CUNHA; LACERDA, 2017). The methodology used was qualitative based, through data from the website *Corpus do Português NOW*. Our results showed that there is a semantic-syntactic expansion with substitution value of the construction under analysis in Brazilian Portuguese, with a loss of compositionality.

Keywords: Conjunctions; Semantic and syntactic expansion; Usage-Based Linguistics.

Introdução

Este artigo objetiva a análise da construção [em detrimento de], com vistas a perceber a expansão semântico-sintática com noção substitutiva, do seu uso como conector de sintagmas

¹ Mestranda em Estudos de Linguagem na Universidade Federal Fluminense (UFF). Licenciatura em Letras Português – Latim na UFF. Especialista em Língua Portuguesa pela UFF. <https://orcid.org/0009-0003-2184-7761>. E-mail: thais_estolano@id.uff.br

nominais, no português brasileiro (doravante PB), sob a ótica da Linguística Funcional Centrada no Uso. Em se tratando do escopo da substituição, há outros conectores os quais são reconhecidos e encontrados, sem dificuldade, nas gramáticas, como “ao invés de” ou “em vez de”. Entretanto, a construção em análise demonstra uma atual produtividade com sentido substitutivo, permitindo o entendimento da existência de uma expansão semântico-sintática.

Para demonstração, analisemos o exemplo que segue:

- (1) A alfabetização foi um dos assuntos no centro de polêmicas neste ano no MEC, que em abril lançou a Política Nacional para essa etapa, com a intenção de "fundamentar em evidências científicas suas políticas públicas para a alfabetização", e gerou um debate diante da sinalização de que o método chamado de "fônico" (que associa letras a os fonemas) seria privilegiado **em detrimento de** outros. Isso levou a críticas de diversos especialistas, por discordarem ou do método fônico ou da ideia de que uma única metodologia seja estimulada pelo ministério. Francisca Maciel, do Ceale-UFMG, diz que favorecer um ou outro método "fere a autonomia da escola e não dá garantia nenhuma de aprendizado". (Fonte: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2019/06/24/viviane-senna-brasil-ainda-nao-fez-licao-de-casa-do-seculo-19-na-educacao.htm>)

Em (1), observamos que a construção em análise expressa uma substituição, afirmação reiterada pelo uso da palavra “privilegiado”, isto é, o método fônico de alfabetização seria o escolhido, e não os outros. Nesse sentido, o substantivo “detrimento”, que compõe a construção, segundo o dicionário Michaelis On-line, significa “dano moral ou material; prejuízo, perda, quebra” (Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/detrimento/>). Por isso, podemos perceber, também, que a noção substitutiva entre “o método chamado de ‘fônico’” e “outros” é acompanhada de uma noção semântica de prejuízo, a qual se direciona ao conjunto encontrado após a construção.

Dessa forma, este artigo será dividido em mais cinco seções, a partir desta introdução: a apresentação do objeto de pesquisa, promovida a partir de uma breve revisão da literatura; uma discussão sobre os pressupostos da LFCU, que norteiam nosso trabalho; os procedimentos metodológicos utilizados para a nossa análise; a apresentação da análise dos dados; e nossas considerações finais. Por fim, serão apresentadas as referências bibliográficas utilizadas em nosso trabalho.

Objeto de pesquisa

A construção [em detrimento de], produtiva no português, assemelha-se a outras que são consideradas, na classe gramatical das preposições, locuções prepositivas. No entanto, em uma revisão da literatura, não encontramos a sua sistematização nas gramáticas de Cunha e Cintra

(2016[1985]), Rocha Lima (2011) – tradicionais –, Neves (2011) e Castilho (2014) – descritivas –, além de não encontrarmos trabalhos acadêmicos que enfoquem essa construção.

Cunha e Cintra (2016[1985], p. 570) afirmam que as locuções prepositivas são compostas, geralmente, com uma preposição simples como seu último vocábulo, majoritariamente a preposição “de”. Em exemplificações, esses autores citam “em lugar de”, construção a qual se assemelha formalmente a “em detrimento de” e também apresenta semântica substitutiva. Em um olhar funcional, os autores assumem que o sentido do termo anterior à preposição ou à locução prepositiva se explica ou se completa pelo termo posterior.

Por sua vez, Rocha Lima (2011, p. 232) vai ao encontro do postulado por Cunha e Cintra (2016[1985]), ao afirmar que as locuções prepositivas são o conjunto de duas ou mais palavras, as quais exercem o papel de uma preposição. O autor também traz como exemplos alguns que se assemelham ao nosso objeto, como “em torno de”. Como conceituação, Rocha Lima (2011) declara que preposições subordinam um termo a outro em uma frase, o que leva o segundo termo a ser dependente do primeiro.

Já Neves (2011, p. 680) afirma que construções formadas por “em + nome + preposição”, as quais são tradicionalmente consideradas locuções prepositivas, indicam circunstâncias, entre elas a relação semântica de substituição. Por fim, Castilho (2014) considera as chamadas locuções prepositivas, em verdade, preposições complexas, e trata as construções que se assemelham formalmente ao nosso objeto como sintagmas preposicionais:

Sintagma preposicional estruturado como [preposição + sintagma nominal/sintagma adverbial], ocorrendo outro sintagma preposicional encaixado tanto no sintagma nominal quanto no sintagma adverbial: (1) a preposição rege um sintagma nominal: Preposição complexa[Preposição[a] Sintagma nominal[o redor da casa]]Preposição complexa; (2) a preposição rege um sintagma adverbial: Preposição complexa[[Preposição[por] Sintagma adverbial[debaixo do pano]]Preposição complexa (CASTILHO, 2014, p. 589).

Mesmo que nosso objeto não seja um conector interoracional, cabe citarmos o trabalho de Rosário e Novo (2018), em que os autores focalizam os conectores “em vez de” e “ao invés de”. Nessa senda, os autores contrariam o ideal tradicional de que aquele significa “no lugar de” e este “ao contrário de”, e, por meio da análise de dados, demonstram que ambos são produtivos com noção semântica geral de substituição, mediante três valores semântico-pragmáticos – substituição, preferência e comparação contrastiva.

Novo (2020), em outro trabalho, afirma que os conectores antes estudados emergiram na língua perante analogização ao conector “em lugar de”, de base mais concreta. Sob esse viés,

as construções citadas compõem o paradigma mesoconstrucional² [Prep(det)Nde]conectsubst, formalmente composto a partir de uma preposição (com ou sem determinante) + nome + de. A autora declara ainda que “as microconstruções pertencentes a esse paradigma são responsáveis por estabelecer conexão oracional e não oracional e exibem a função de substituição” (NOVO, 2020, p. 203).

Neste artigo, assumimos a possibilidade de a construção [em detrimento de] ter se expandido semântico-sintaticamente, com noção substitutiva, mediante analogia – processo de criação de novos enunciados a partir de outros antes experienciados (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013) – às microconstruções do paradigma citado por Novo (2020). Na análise promovida para este trabalho, foram encontrados usos de “em detrimento de” somente como conector de sintagmas nominais; no entanto, isso não diminui seu *status* conector, tendo em vista que, nesses casos, também há a subordinação de um elemento pelo outro, com relação hierárquica. Essa questão é discutida por Rosário (2022), abordando a dificuldade de caracterizar os conectores da rede [Xde]conect, quando se percebe sua fluidez categorial frente outras classes gramaticais, como de proposições (ROSÁRIO, 2022, p. 369).

Para mais, Novo (2020) assevera o Princípio da Não Sinonímia de Goldberg (2015), o qual afirma que duas formas diferentes não podem expressar o mesmo significado (cf. Furtado da Cunha e Lacerda, 2017). Dessa maneira, embora as construções “em lugar de”, “em vez de” e “ao invés de” aparentem sinonímia perfeita, a autora percebe uma variabilidade pragmática entre esses constructos, visto que os falantes escolhem usar um ou outro em razão de propriedades pragmático-discursivas.

Tendo em conta que essas construções substitutivas, apesar de apresentarem diferenças pragmáticas, são bem semelhantes funcionalmente, cremos na possibilidade de ser esta a motivação para a expansão semântico-sintática do nosso objeto, uma vez que há a necessidade, por parte dos falantes, de maior expressividade. Em verdade, “em detrimento de” apresenta forte relação semântica de preferência/prejuízo, a qual possivelmente não era mais presente em outras construções substitutivas, o que amplia, então, a contrastividade – ou seja, a opção do falante de escolher um item dentre outros itens possíveis, a fim de despertar a atenção do interlocutor por intermédio de seu realce (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013).

Contudo, nossas hipóteses só poderiam ser atestadas a partir de uma pesquisa mais aprofundada, com viés diacrônico e ampliação do *corpus* sincrônico. Neste momento, nosso

² Segundo Novo (2020), mesoconstruções são grupos de microconstruções específicas, com comportamentos semântico-sintáticos que se assemelham.

foco é apresentar uma análise descritiva e qualitativa de dados sincrônicos, a partir do conceito de construcionalidade³, da construção [em detrimento de], com o propósito de observar sua expansão semântico-sintática com noção substitutiva.

Pressupostos da LFCU

Nesta seção, serão abordados os nossos pressupostos teóricos, embasados na Linguística Funcional Centrada no Uso. Essa corrente linguística, a qual é recente e está em ascensão em pesquisas brasileiras, diferencia-se por combinar aspectos do Funcionalismo Clássico e da Linguística Cognitiva.

Na década de 1970, a Linguística Funcional surgiu como uma resposta aos estudos gerativistas e estruturalistas, os quais não agregavam valor aos sentidos e aos usos da língua. Nessa senda, essa teoria se desenvolveu contrariando a visão autônoma da sintaxe, pois acredita que a sintaxe das línguas se estrutura a partir das funções desempenhadas. Desse modo, a gramática, no olhar funcionalista, mostra-se em constante mudança, a qual é motivada principalmente pelas necessidades do discurso, a exemplo da maior expressividade do falante (ROSÁRIO, 2015). Por esse motivo, a análise dos fenômenos linguísticos deve ser baseada em situações reais de uso da língua, na medida em que deve haver simultaneidade entre o estudo do discurso e da gramática (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013).

Por sua vez, a Linguística Cognitiva também emergiu a partir de uma contrariedade ao modelo gerativista, nos anos 1970. Essa teoria vê o comportamento linguístico como advindo das capacidades cognitivas do falante, a partir de sua experiência no mundo. Assim, o uso da língua, em contexto, desenvolve novas construções gramaticais, envolvendo habilidades e estratégias cognitivas (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013).

Essa visão da língua com viés cognitivo invoca o conceito de Gramática de Construções. Nesse contexto, as construções gramaticais, ou seja, pareamentos entre forma e significado, constroem uma rede de construções, que representa o conhecimento linguístico de determinado falante. Nessa rede, encontram-se diversas construções abstratas, as quais podem se combinar, e é essa existência que explica, para a Linguística Cognitiva, a criatividade do falante (Pinheiro, 2015).

³ De acordo com Rosário e Lopes, construcionalidade é a “relação sincrônica entre duas ou mais construções, de modo que uma construção pode ser apontada como base para outra(s), a partir de seus diferentes níveis de gradiência e gramaticalidade” (2023, p. 86).

Mediante a combinação de tradições desenvolvidas pelas duas vertentes apresentadas, dá-se o surgimento da LFCU. Tal junção torna-se exequível uma vez que ambas as teorias dispõem de pressupostos teórico-metodológicos semelhantes, a saber:

a rejeição à autonomia da sintaxe, a incorporação da semântica e da pragmática às análises, a não distinção estrita entre léxico e gramática, a relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes delas nos Contextos reais de comunicação, o entendimento de que os dados para a análise linguística são enunciados que ocorrem no discurso natural (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, p. 14).

Na visão da LFCU, a língua é convencionalizada à medida que é usada, tendo tanto sua regularidade quanto sua instabilidade motivadas e modeladas por práticas discursivas cotidianas dos usuários da língua. Logo, a mudança ocorre em razão de processos cognitivos e interacionais, os quais perpassam o uso real da língua (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013).

Nesse sentido, a Gramática de Construções se revela a maior contribuição da Linguística Cognitiva para a LFCU. Para essa Gramática, como já apresentado, a língua se compõe a partir de uma rede de construções, com construções específicas e hierarquizadas, sendo interconectadas e integrando propriedades fonológicas, morfossintáticas, semânticas e pragmáticas (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016). Tal rede é dinâmica, haja vista novos elos e nós se estabelecerem continuamente (FURTADO DA CUNHA; LACERDA, 2017).

Temos, aqui, o trabalho holístico com a gramática, articulando os diversos níveis – semântico, morfossintático, fonológico, pragmático –, não os tratando, assim, de modo individual (FURTADO DA CUNHA; LACERDA, 2017). Ademais, a dimensão e as relações contextuais também são consideradas, não só a partir de aspectos linguísticos, como extralinguísticos, a exemplo das propriedades sociolinguísticas e das discursivas (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016).

Tal visão holística corroborou para que o tratamento do binômio *função x forma* fosse alterado. O Funcionalismo Clássico tratava esse par de forma mais autônoma, concentrando-se separadamente, ora em um, ora em outro, marcados a partir da unidirecionalidade *função > forma*. Na LFCU, a integração de ambos é priorizada, levando a um tratamento bidirecional *função <> forma*, tendo em vista a assunção de que tanto propriedades formais como propriedades funcionais implicam-se de maneira mútua (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016).

Em uma abordagem construcional da gramática, três propriedades tomam destaque, a saber, a esquematicidade, a produtividade e a composicionalidade. Para Traugott e Trousdale

(2013, p. 13) *apud* Furtado da Cunha e Lacerda (2017), a primeira propriedade citada se relaciona à noção de rede construcional, uma vez que as mudanças linguísticas se interligam e as construções da língua se relacionam mediante o estabelecimento de redes taxonômicas hierarquicamente organizadas. Segundo Rosário e Oliveira (2016), os quais evocam Goldberg (2006, p. 98), a produção das frases dos falantes advém de esquemas mais abstratos, desde que a similaridade com a semântica proposta pelo esquema se mantenha.

Tomando como exemplo o objeto de análise proposto neste trabalho, a construção [em detrimento de] não se mostra esquemática, pois não apresenta *slots* – “estruturas complexas com possibilidades diversas de preenchimento” (FURTADO DA CUNHA; LACERDA, 2016) –, em comparação à construção [Prep(det)Nde] trabalhada por Novo (2020), a qual se apresenta mais esquemática, pois tem três *slots* a serem preenchidos. Então, a emergência da construção [em detrimento de] por meio do esquema [Prep(det)Nde], a partir do processo de analogização, chama-se sanção.

As redes construcionais são estabelecidas por quatro níveis de abstração, e, a partir deles, sistematiza-se a propriedade da esquematicidade. São elas o construto, a microconstrução, o subesquema e o esquema:

Os construtos consistem em ocorrências atestadas empiricamente, caracterizando-se como o *locus* da mudança [...]. Por sua vez, as microconstruções compreendem as construções individuais propriamente ditas, que já se encontram convencionalizadas na língua. Já os subesquemas envolvem o conjunto de similaridades que é observável entre construções individuais diversas. Por fim, os esquemas possuem uma natureza altamente abstrata, compreendendo as construções mais genéricas da rede e abarcando as estruturas complexas com possibilidades diversas de preenchimento (FURTADO DA CUNHA; LACERDA, 2017).

Por sua vez, a propriedade da produtividade está relacionada à frequência de uso. Nesse sentido, para a construção ser considerada produtiva, é necessário observar a extensibilidade, ou não, do (sub)esquema ao qual se vincula. O (sub)esquema é considerado produtivo ao sancionar padrões microconstrucionais de modo considerável (FURTADO DA CUNHA; LACERDA, 2017). Assim, é possível afirmar que a instanciação de “em detrimento de” demonstra a produtividade do esquema [Prep(det)Nde].

Além disso, a produtividade de uma construção também é composta por outra forma de frequência, que Bybee (2003; 2006; 2011 *apud* FURTADO DA CUNHA; LACERDA, 2017) separa em frequência *type* e frequência *token*. Para nosso trabalho, interessa-nos a frequência *token*, que se relaciona à extensão de uso pelos falantes de determinado construto. Tal

frequência pode ser a responsável pela rotinização e pela cristalização de usos inovadores na língua (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016).

Por fim, há ainda a propriedade da composicionalidade, referente ao grau de transparência de uma forma em associação ao seu significado na construção. Nesse contexto, a composicionalidade semântica, no que tange à soma dos significados das partes de uma construção, é maior à medida que há possibilidade de se recuperar o significado das partes no significado do todo. Desse modo, ao se reduzir a composicionalidade, direciona-se a uma mudança linguística (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016).

Portanto, apresentamos, brevemente, os pressupostos que norteiam nossas análises, a partir da Linguística Funcional Centrada no Uso. Trataremos, então, na próxima seção, da metodologia utilizada neste trabalho.

Procedimentos metodológicos

Nesta análise, valemo-nos de um método qualitativo, a partir de um viés sincrônico. O método qualitativo, para Lopes e Rosário (2023), no campo da Linguística, desdobra-se na análise interpretativa de cada ocorrência encontrada do objeto de estudo, submetendo-as a diversos fatores de análise previamente estabelecidos, os quais retomam propriedade formais – fonológicas e morfossintáticas – e funcionais – semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais. Lacerda (2016) afirma ainda que a metodologia qualitativa tem a intenção de descrever detalhadamente o objeto em análise a partir de seu contexto de uso, considerando os conceitos que surgem mediante a análise dos dados, e não *a priori*.

Sobre o olhar sincrônico em estudos que se valem da LFCU, Lopes e Rosário (2023) confirmam sua relevância ao se tratar da variação e da mudança, tendo em vista que as vicissitudes do discurso tornam a gramática suscetível a esse fenômeno. Rosário e Lopes (2023) denominam esse olhar sincrônico sobre a mudança como construcionalidade. Isso revela que o estado sincrônico das línguas, sobretudo o atual, pode desvelar traços de seu percurso histórico de mudança, com foco na gradiência dos elementos linguísticos, o que reitera a pertinência de se trabalhar sincronicamente.

De acordo com Rosário e Lopes (2023), essa afirmação está ancorada no princípio do uniformitarismo, a partir do qual se entende que as tendências que estão hoje em uso podem ter atuado em estágios anteriores e possivelmente continuarão a atuar posteriormente (CUNHA, 1999 *apud* ROSÁRIO; LOPES, 2023). Além disso, a forma e a função das palavras

continuamente se realinham no discurso para que possam atender novas necessidades comunicativas.

Ainda de acordo com os autores, a LFCU incorpora o conceito de gradiência para se referir à variabilidade sincrônica, sendo esta uma consequência natural de uma sequência de mudanças. Assim, Rosário e Lopes (2023, p. 86) definem o conceito de construcionalidade como “a relação sincrônica entre duas ou mais construções, de modo que uma construção pode ser apontada como base para outra(s), a partir de seus diferentes níveis de gradiência e gradualidade”.

O trabalho com a construcionalidade permite retomar conceitos caros às pesquisas em LFCU. Alguns deles são as propriedades já referidas esquematicidade, produtividade e composicionalidade. Para mais, são interessantes para o nosso trabalho, também, alguns parâmetros de Lehmann (2015[1982] *apud* ROSÁRIO; LOPES, 2023), como o parâmetro da atrição, em que um signo perde integridade, a exemplo de termos semânticos (ou seja, ocorre uma dessemantização).

Sobre os parâmetros de Hopper (1991 *apud* ROSÁRIO; LOPES, 2023), ressaltamos o parâmetro da divergência, em que graus de mudança linguística de um mesmo item convivem ao mesmo tempo, tendo significados diferentes em contextos diferentes; o parâmetro da persistência, em que há a manutenção de traços semânticos da forma-fonte na forma gramaticalizada; e o parâmetro da decategorização, em que há perda total ou parcial de traços da categoria fonte. Por fim, quanto às etapas do processo de mudança linguística propostas por Himmelmann (2004 *apud* ROSÁRIO; LOPES, 2023), evocamos a mudança de classe hospedeira, em que ocorre ampliação paradigmática com a entrada de um novo membro da classe e a mudança de contexto semântico-pragmático, a qual envolve desbotamento de sentido.

Tomando como base a análise de dados de usos reais do PB, o *corpus* utilizado nesta pesquisa foi extraído do *Corpus do Português NOW*⁴. Tal *corpus* combina mais de um bilhão de dados do português, não somente do brasileiro, os quais foram coletados de jornais e revistas dos anos 2012 a 2019.

A partir do entendimento de que nossa pesquisa se dá de maneira sincrônica sobre o PB, utilizamos a ferramenta do banco de dados que permite escolher o país de origem das ocorrências. Nesse sentido, foram encontradas 5282 entradas da construção [em detrimento de],

⁴ Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/now/>.

retiradas, por sua vez, de jornais e revistas publicados no Brasil. Coletamos, para a análise piloto apresentada neste artigo, as 100 primeiras ocorrências disponíveis.

O nosso objetivo ao analisar as ocorrências era focalizar a relação semântica e sintática estabelecida pela construção. Nessa senda, foi perceptível que a construção em análise não se mostrou produtiva, nos dados encontrados, como conector interoracional. Desse modo, intentamos observar a noção semântica de cada uso, se mais substitutiva, de preferência ou, ainda, se havia caso de perda de composicionalidade. Com esse objetivo, houve a necessidade de observar não somente o objeto de pesquisa e a oração em que se encontrava, mas o contexto do trecho oferecido, para recuperar o entendimento semântico-sintático. Casos não esperados, como a semântica de causa, também foram encontrados.

Nossa análise dos dados foi feita de maneira qualitativa, com vistas a descrever os usos da construção em destaque com base nos pressupostos teóricos da LFCU. A ela, nos debruçaremos na próxima seção.

Análise dos dados

Em verdade, o objetivo central desta pesquisa é a análise qualitativa do uso da construção [em detrimento de] no PB, com foco na possibilidade de uma expansão semântico-sintática com noção substitutiva. Nosso *corpus* foi composto pelas 100 primeiras ocorrências que apareceram quando pesquisamos no *Corpus do Português NOW*, e nesta seção detalharemos alguns exemplos. Os dados apresentados a seguir são representativos dos resultados que encontramos de forma macro, ao analisar, caso a caso, as 100 ocorrências encontradas.

Iniciaremos com um exemplo do uso mais canônico, prepositivo, da construção:

- (2) Uma vez que encontram seus limites e os demais direitos igualmente consagrados pela Carta Magna. "Se é certo que o devedor deve ter respeitados seu direito de ir e vir e sua dignidade, o mesmo deve ser assegurado a o credor." Bloqueio dos cartões. O TJ-SP determinou bloqueio dos cartões de crédito dos executados. Especialmente para evitar que o devedor assuma novas despesas não essenciais **em detrimento do** crédito do exequente. "A medida pode alterar a situação patrimonial do devedor, que, com o desestímulo imposto, poderá ter preservado o seu patrimônio, além de ser lembrado da prévia necessidade de cumprimento de suas obrigações", reforçou o magistrado, que citou ainda precedentes de outros desembargadores do tribunal autorizando o bloqueio de crédito. (Fonte: <https://seucreditodigital.com.br/justica-autoriza-bloqueio-dos-cartoes-de-credito/>)

Em (2), percebemos o uso da construção exprimindo valor de preferência, mas não com semântica substitutiva. O texto, ao abordar o bloqueio de cartões, afirma que essa decisão

evitaria a assunção de novas despesas, prejudicando o crédito do exequente. Percebemos, então, alta composicionalidade, uma vez que o substantivo “detrimento” exerce sua função semântica ao estabelecer o contexto de prejuízo do termo regido pela locução prepositiva.

No exemplo a seguir, podemos observar uma noção semelhante:

- (3) Exemplo disso temos nos mais variados momentos e situações, sendo que, por uma infelicidade estamos vendo nossos poderes da República degladiando no dia a dia, não em nome do interesse do país, mas simplesmente para tentar fazer com que o outro se submeta às suas vontades, algo que, se tratando de política brasileira, sabemos que é uma forma de que os interesses pessoais sejam priorizados **em detrimento de** os interesses do povo. No dia a dia, vemos isso também dentro das relações de emprego, havendo casos graves nos quais subordinados acabam por sofrer graves consequências simplesmente porque um superior precisa ter o sentimento de que a sua vontade deve, a qualquer custo, ser atendida. (Fonte: <https://www.odiariodemogi.net.br/poder-e-inteligencia/>)

No exemplo em (3), também podemos observar uma noção de preferência estabelecida pela construção [em detrimento de], uma vez que o texto afirma que os interesses pessoais, em um âmbito político brasileiro, são colocados acima dos interesses públicos, o que é corroborado pelo uso da palavra “priorizados” antes da construção. No entanto, aqui observamos também um sentido substitutivo, ainda que de maneira secundária, tendo em vista que os políticos escolhem seus interesses, e não os do público. Nesse sentido, Rosário e Novo (2018) declaram sobre o valor de preferência estar atrelado à noção semântica mais geral e básica da substituição; nesse dado, percebemos que a relação de preferência é predominante.

Vejamos agora um exemplo em que a noção substitutiva fica ainda mais evidente:

- (4) Por outro, o movimento foi intensificar o debate sobre proteção de dados e combate aos hackers. Rapidamente, as portas do covil foram abertas e de lá saíram os irmãos Carlos e Eduardo Bolsonaro — o terceiro dos filhos do presidente, Flávio, não encontra amparo ético para elaborar crítica alguma após o episódio "Queiroz" — que lançaram tuítes e mais tuítes atacando Glenn e o Intercept. De imediato, receberam apoio do espectro bolsonariano das redes sociais, que passaram a atacar também o deputado federal David Miranda (PSOL-RJ), marido do jornalista. Em dois dias, as manchetes de jornais e portais já mostravam uma preocupação mais intensa com os hackers, **em detrimento das** denúncias. Parlamentares da Comissão de Segurança Pública da Câmara dos Deputados tentam convocar Glenn Greewald para que ele dê explicações sobre como adquiriu as conversas de Moro com membros da Lava Jato. O que os deputados parecem ignorar, por má-fé ou desconhecimento, é que o sigilo de fonte do jornalista está estampado no inciso XIV do artigo 5º da Constituição Federal. (Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/2019/06/13/em-que-momento-o-intercept-afirmou-que-recebeu-as-conversas-de-um-hacker/>)

No dado (4), observamos a construção em análise com alto valor substitutivo. No texto, afirma-se que as manchetes dos jornais passaram a se preocupar mais com os *hackers* do que com as denúncias promovidas por eles. Desse modo, embora seja nítida ainda uma relação de preferência, visto que um assunto foi privilegiado a outro, o termo posterior à construção,

“denúncias”, não é, de fato, prejudicado. Poderíamos dizer, em verdade, que há um prejuízo aos leitores ou à ética jornalística, mas isso foge do escopo gramatical do discurso. Isso nos permite afirmar, ainda, que há uma certa perda de composicionalidade do substantivo “detrimento”, uma vez que sua noção de prejuízo se perde. Neste momento, vale dizer que há uma gradiência dos usos de “em detrimento de”, quanto à sua noção semântica. Nos exemplos (2), (3) e (4), embora exista a presença do valor semântico de preferência, vê-se que tal valor diminui à proporção que se aumenta uma noção substitutiva.

A seguir, vemos um caso em que a perda de composicionalidade se mostra ainda mais nítida:

(5) - Claro que é melhor ser 2 do que 3, mas se eles consideram que tenho que ser o (cabeça) 3, aceitarei isso e lutarei para ganhar as partidas e competir bem contra os rivais que surgirem pelo caminho. A única coisa que não me soa bem é Wimbledon ser o único (Grand Slam) que faça isso. Não acho correto que um jogador que tenha conseguido bons resultados o ano inteiro em outras superfícies seja desprestigiado em detrimento de outros - afirmou em entrevista ao canal espanhol de TV Vamos. O torneio de Wimbledon é o único Slam do calendário que não utiliza o ranking como base para a definição dos cabeças de chave. A lista oficial dos favoritos será divulgada nesta quarta-feira, mas utilizando a fórmula do ranking da grama, Roger Federer garantiu que será o cabeça de chave 2 com a conquista do 10º título em Halle, no domingo. (Fonte: <https://ge.globo.com/tenis/noticia/nadal-reclama-da-formula-de-wimbledon-apos-ser-rebaixado-na-lista-dos-favoritos-nao-e-correto.ghtml>)

Em (5), é possível constatar, além do sentido de substituição, uma perda semântica da palavra “detrimento”. Ao lermos o texto, observamos que Roger Federer, atleta de tênis, reflete sobre a injustiça dos torneios, tendo em vista que jogadores os quais têm bons resultados não são tão prestigiados quanto outros que jogam em torneios maiores. Nessa ótica, observamos tanto uma noção substitutiva, em que há uma escolha sobre quem desprestigiar, além de uma relação de preferência dada aos “outros”. Entretanto, ao apresentar essa ideia, o jogador utiliza a construção [em detrimento de] com lógica semântica inversa, visto que o sentido de prejuízo se dá ao elemento anterior à construção, não ao posterior. Assim, podemos perceber aqui a possibilidade de um *chunk* – ou seja, a visão da construção sem ser possível desmembrar suas partes – haja vista a noção substitutiva/preferência se manter no uso, mas sem considerar os sentidos das partes separadas. Nesse processo, elementos que antes eram dissociados perdem sua autonomia sintático-semântica, tornando-se embalados, como unidades linguísticas que possuem novo significado e nova forma (ROSÁRIO, 2022).

Por último, vejamos um exemplo com perda de composicionalidade ainda mais crítica:

(6) Diferentemente do depoimento dado à Polícia Civil, em abril deste ano, em que afirmou saber que membros de seu gabinete recolhiam fundos, sem o seu aval, para a base eleitoral do partido, Duarte mudou sua análise. À comissão processante, o parlamentar informou que sua afirmação

anterior foi errônea pois foi orientada por "pressão" de seu antigo advogado, a quem se desligou por julgar que sua defesa não cumpria com a função principal. Segundo ele, que também afirma desconhecer práticas ilegais na Câmara, seu tempo de gabinete sempre foi reduzido **em detrimento de** seu trabalho focado "em campo", motivo pelo qual não estava ciente do recolhimento de salários. Procurado pela reportagem, o ex-advogado de Duarte ainda não deu seu posicionamento sobre o caso. Já o atual advogado do parlamentar, Vicente Salgueiro, informou que se for constatada alguma irregularidade neste processo, os indícios serão reunidos e entregues às autoridades. (Fonte: <https://www.hojeemdia.com.br/primeiro-plano/cl%C3%A1udio-duarte-psl-ganha-mais-tempo-para-defesa-em-caso-de-rachadinha-1.719855>)

O dado observado em (6) trata-se de um uso inovador, com semântica de causalidade, não de substituição ou de preferência. No trecho, o parlamentar afirma, ao negar conhecimento sobre ações ilegais na Câmara, que não passava muito tempo no seu gabinete em razão das suas atuações em campo, o que evidencia um sentido de justificativa que a construção em análise traz entre os termos regente e regido. Nesse sentido, entendemos tal uso como o passo da inovação, ou seja, o ouvinte, ao entrar em contato com uma construção nova, interpreta-o de modo diferente da intencionada pelo falante, e o reutiliza com esse novo sentido (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016). De acordo com Traugott e Trousdale (2013, p. 91-92 *apud* ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016), a inovação é passo inicial da mudança linguística; contudo, tal uso foi encontrado apenas três vezes em nossos dados, o que impossibilita essa afirmação.

Em suma, tendo a finalidade de demonstrar uma expansão semântico-sintática da construção “em detrimento de” com noção substitutiva, elencamos dados que reiteram tal intenção, demonstrando mudanças construcionais. Com isso, afirmamos que o uso da construção em análise demonstra uma gradiência, a qual é estabelecida, em um extremo, a partir do uso somente com valor de preferência e, no outro, o uso com alto valor de substituição; no entremeio, encontramos níveis diferentes de ambos os valores nas ocorrências analisadas. Isso permite observar uma mudança de classe hospedeira, para Himmelmann, já que a construção adentrou o paradigma da substituição. Enquanto, na gradiência, os usos com alto valor de preferência comprovam o parâmetro da persistência de Hopper (1991), uma vez que se mantém o sentido de prejuízo do substantivo “detrimento”, os casos em que o valor de substituição é mais alto revelam o parâmetro de decategorização, do mesmo autor, e o de atrição, de Lehmann (2015[1982]), pois há perda semântica do substantivo.

Além disso, os usos diferentes percebidos nessa gradiência corroboram o princípio da divergência de Hopper (1991), tendo em vista que diferentes graus convivem na sincronia, com significados diferentes a depender do contexto. Para mais, observamos também uma perda de composicionalidade da construção, o que pode levar à formação de um *chunk*, bem como um uso inovador, que reverbera a mudança de contexto semântico-pragmático, proposta por

Himmelmann, a qual envolve desbotamento de sentido. Todavia, nosso estudo qualitativo e sincrônico, com 100 dados analisados, não se mostra suficiente para confirmar tais hipóteses. Assim, novos estudos com enfoque em “em detrimento de” urgem serem feitos para um maior entendimento da construção.

Considerações finais

Esta pesquisa foi desenvolvida com o objetivo de perceber uma plausível expansão semântico-sintática da construção [em detrimento de], em função de conectora de sintagmas nominais, apropriando-se de valor substitutivo. Mediante análise de dados retirados do *Corpus do Português NOW* e dos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso, alcançamos os resultados esperados.

A LFCU declara que a língua é forjada por meio do seu uso, com importância equivalente ao discurso e à gramática. Ademais, tal corrente linguística afirma que esses elementos são motivados por processos cognitivos, os quais, a partir de uma rede de construções, compõem o conhecimento linguístico do falante. Sendo assim, assumimos que a construção [em detrimento de], com valor substitutivo, advém de uma analogia com outras construções substitutivas mais canônicas e formalmente semelhantes, como “em vez de”. Isso é corroborado a partir do intuito de integrar maior expressividade ao discurso do falante, o que favorece o uso de formas mais inovadoras; nesse contexto, o alto valor de preferência/prejuízo oferecido pela palavra “detrimento” pode motivar seu uso em lugar de outras opções menos composicionais.

Na análise que promovemos, encontramos uma gradiência de usos da construção “em detrimento de”. Em um extremo, há usos com alto valor de preferência; no outro, usos altamente substitutivos. Ainda, foi possível ver também perda de composicionalidade gradual em usos da construção, o que pode encaminhar para um processo de *chunking*. Por fim, um uso inesperado, com semântica de causalidade, também foi atestado, porém, com menor frequência – apenas 3 dados. Logo, ainda que observemos certa perda semântica, o valor de preferência/prejuízo se nota, ainda, na grande maioria dos usos.

Portanto, afirma-se que há uma expansão semântico-sintática da construção [em detrimento de] no português brasileiro contemporâneo, com noção substitutiva. Atestamos, com efeito, a urgência de outros trabalhos sobre essa construção, para que as hipóteses aqui

abordadas sejam confirmadas e que a construção, produtiva no PB, possa ser mais discutida e descrita.

Referências

- CASTILHO, A. T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016 [1985].
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; CUNHA, M. A. F. (Orgs.). *Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad x FAPERJ, p. 12-39, 2013.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; LACERDA, P. F. A. da C. Gramática de Construções: princípios básicos e contribuições. In: OLIVEIRA, M. R.; CEZARIO, M. M. (Orgs.) *Funcionalismo Linguístico: diálogos e vertentes*. Niterói: EDUFF, p. 17-46, 2017.
- LACERDA, P. F. A. C. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística/Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, Volume Especial, p. 83-101, 2016.
- LIMA, C. H. da R.. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 49ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- LOPES, M. G.; ROSÁRIO, I. da C. do. Metodologia da pesquisa sincrônica. In: ROSÁRIO, I. da C. do. (Org.). *Metodologia da pesquisa funcionalista*. Rondônia: Edufro, p. 37-56, 2023.
- NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do português*. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- NOVO, I. R. *Análise funcional das microconstruções conectoras substitutivas em lugar de, em vez de e ao invés de: um estudo pancrônico*. Niterói: Tese de Doutorado em Estudos de Linguagem – UFF, 2020.
- PINHEIRO, D. Sintaxe Construcionista. In: OTHERO, G. de A.; KENEDY, E. (Orgs.) *Sintaxe, sintaxes: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2015.
- ROSÁRIO, I. da C. do. Sintaxe Funcional. In: OTHERO, G. de A.; KENEDY, E. (Orgs.) *Sintaxe, sintaxes: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2015.
- ROSÁRIO, I. da C. do. Esquema [Xde]conect em língua portuguesa: uma análise funcional centrada no uso. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 56, p. 362-378, 2022.
- ROSÁRIO, I. da C. do.; LOPES, M. G. Construcionalidade e mudança na sincronia. In: ROSÁRIO, I. da C. do. (Org.). *Metodologia da pesquisa funcionalista*. Rondônia: Edufro, 2023, p. 77-102.

ROSÁRIO, I. da C. do.; NOVO, I. R. Análise funcional dos conectores *em vez de* e *ao invés de* no português brasileiro contemporâneo. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 130-148, 2018.

ROSÁRIO, I. da C. do.; OLIVEIRA, M. R. de. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, São Paulo, p. 233-259, 2016.

Recebido em: 14/07/2025.

Aceito em: 16/08/2025.